



Psicologia USP

ISSN: 0103-6564

revpsico@usp.br

Instituto de Psicologia

Brasil

Barone, Leda; Rodrigues da Costa, Beethoven Hortencio
Psicanálise, ficção e cura: entre a Teoria dos Campos e a Teoria do Efeito Estético
Psicologia USP, vol. 28, núm. 2, mayo-agosto, 2017, pp. 189-195
Instituto de Psicologia
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305151851004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Psicanálise, ficção e cura: entre a Teoria dos Campos e a Teoria do Efeito Estético¹

Leda Barone
Beethoven Hortencio Rodrigues da Costa*

Unifieo, Programa de Pós-graduação em Psicologia Educacional. Osasco, SP, Brasil

Resumo: A intenção deste trabalho é propor uma reflexão sobre a potência da literatura, a necessidade humana de ficção a partir de um primeiro diálogo entre a Teoria dos Campos, de Fabio Herrmann, e a Teoria do Efeito Estético, de Wolfgang Iser. Procura-se esboçar algumas articulações entre o estatuto atribuído à ficção na obra de Herrmann e a discussão na obra de Iser sobre a ficção e o imaginário que desemboca em uma antropologia literária. Trata-se de um trabalho inicial que aponta para futuras pesquisas a partir da ideia de Herrmann da literatura como análoga à psicanálise, por isso, propõe-se a Teoria do Efeito Estético como possibilidade teórica para a fundamentação dessa ideia.

Palavras-chave: psicanálise, literatura, Teoria dos Campos, Herrmann, Iser.

Nunca um homem é tão ele mesmo como quando pretende passar por outro. (Herrmann, 1999a, p. 220)

|

É comum o depoimento de leitores que atribuem função terapêutica à leitura de algum texto literário, e seu caráter reparador tem sido sobejamente reconhecido ao longo do tempo. Basta pensar no papel que a literatura desempenhou para tantos deportados nos campos nazistas, no genocídio armênio e no exílio stalinista, como aponta Petit (2006). Encontra-se um bom exemplo dessa observação no comovente depoimento de Semprún (2002) a respeito do que viveu à beira do leito de morte de Maurice Halbwachs no campo de concentração Buchenwald. Semprún, tomado de pânico pela morte iminente de seu professor na Sorbonne, e desejoso de invocar algum Deus ou oração que pudesse acompanhá-lo na agonia, com voz embargada, mas tentando dominá-la, recita versos de Baudelaire: “*o mort vieux capitaine, Il est temps, levons l'ancre...*”

O olhar de Halbwachs se torna menos apagado e parece estranhar-se. Semprún continua recitando e quando chega a “... nos coeurs que tu connais sont remplis de rayons...” percebe um débil estremecimento nos lábios do moribundo que se esboça num sorriso. E Halbwachs “sorri, agonizando, com olhar sobre mim, fraternal”, completa Semprún (2002, p. 36).

Como explicar a potência da literatura? Por que os seres humanos precisam de ficção; desse fingimento que é a literatura? Para refletir sobre essa questão, é proposto por esse artigo iniciar um primeiro diálogo entre a Teoria dos Campos de Fabio Herrmann, e a Teoria do Efeito Estético de Wolfgang Iser, procurando esboçar algumas articulações

entre o estatuto atribuído à ficção na obra de Herrmann e a discussão na obra de Iser sobre a ficção e o imaginário que desemboca em uma antropologia literária.

Toda a obra de Herrmann parece refletir a importância que o autor atribui à potência heurística da ficção e que por isso mesmo é considerada pelo autor instrumento útil ao trabalho do psicanalista, seja na sua escuta clínica, seja na sua escrita. Para o autor a Literatura é o análogo da Psicanálise, o que significa dizer que a ficção desempenha na Psicanálise a mesma função que exercem as matemáticas na Física. Essa ideia, vastamente demonstrada por ele quando analisa a obra freudiana, está fortemente presente em sua própria escrita. São diversos os seus livros nos quais nos presenteia com deliciosas ficções exploratórias dos abismos do humano, como por exemplo, *O divã a passeio, A psique e o eu* e *A infância de Adão e outras ficções freudianas*. Nesses livros, o autor de posse do método interpretativo, a *ruptura de campo*, desencava e desenvolve diferentes questões pertinentes ao trabalho do analista.

Em sua crítica ao estado atual da Psicanálise, Herrmann (2002) reconhece a enorme desproporção entre a obra freudiana e a de seus sucessores, sobretudo em relação à natureza heurística dela e atribui esse fato à dificuldade de os analistas distinguirem método de teoria e prática. Para o autor a Psicanálise só atingirá a autonomia de uma ciência completa se e quando puder discriminar seu método das práticas e teorias, e utilizá-lo do modo que lhe convier. Ainda ressaltando a discrepância entre a produção freudiana e a de seus sucessores, Herrmann chama a atenção para a escrita de Freud e conclui haver um pensamento por escrito próprio da literatura na obra freudiana e que a própria psicanálise, os analistas e seus pacientes são frutos ficcionais desse pensamento.

Essa crítica a respeito da mesmice da psicanálise e a ênfase dada à ficção na teorização do analista, Herrmann reitera ao longo de sua extensa obra enquanto defende o desenvolvimento da psicanálise como forte candidata à posição de teoria científica da alma, estrategicamente

¹ Apoio financeiro: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Bolsa de Pós-Doutorado PNPD/Capes.

* Endereço para correspondência: beethovenhrc@yahoo.com.br

colocada entre Filosofia, Psicologia, Medicina e Literatura, e constata que a psicanálise não ocupa ainda o espaço inteiro a ela reservado por direito e por origem, não preenchendo o horizonte de sua vocação.

Nesse sentido, para que a Psicanálise vá ao encontro de sua *vocação e horizonte*, Herrmann (1999b) propõe três pontos básicos a serem atingidos: 1 – uma rigorosa recuperação do método psicanalítico, que depois de Freud foi confundido com o tratamento clínico; 2 – a generalização das teorias metapsicológicas para que possam dar conta não apenas das condições psíquicas individuais, mas do real humano; 3 – e, por fim, que possa ampliar o espectro de temas que se consideram psicanalíticos, hoje limitados quase apenas aos temas já tratados pessoalmente por Freud.

Do método psicanalítico – a ruptura de campo – decorrem duas derivações cuja aceitação nem sempre é vista com bons olhos. A primeira delas diz respeito ao reconhecimento do objeto de estudo da psicanálise, ou seja, o *homem psicanalítico*. O *homem psicanalítico*, por não se tratar do homem concreto, mas de uma ficção, induz à aceitação da ficção dentro da psicanálise. A segunda derivação nos força a levar em conta o montante de desconhecimento que a ruptura de campo deixa à mostra. Nosso conhecimento é sempre provisório e parcial, construído e reconstruído a cada sessão com o nosso paciente ou com qualquer outro recorte do real humano sobre o qual o analista se debruça.

De fato, a especulação ficcional de Herrmann é ampla e complexa (aliás, como ele mesmo reconhece que foi a de Freud) e se dá tanto a partir da clínica como da teoria, como também de diferentes recortes do real humano, o que naturalmente não cabe explorar no escopo deste artigo. Entretanto, há em especial uma noção extremamente útil para o âmbito deste trabalho porque tematiza exatamente a questão da ficção, tanto em seu aspecto heurístico como de cura. Qual seja, à ideia da paixão pelo disfarce, noção que, embora presente ao longo de sua obra, mereceu um longo e instigante ensaio teórico/ficcional intitulado “A paixão do disfarce” (Herrmann, 1999a).

II

Herrmann (1999a) ilustra sua noção de disfarce fazendo referência à figura homérica de Ulisses. Ulisses, segundo o autor, sofria da paixão do disfarce. Ele atravessa toda a Odisseia disfarçando-se, negando seu nome e fingindo ser outro. Para ilustrar essa paixão de Ulisses, Herrmann retoma a passagem em que o herói e seus companheiros são aprisionados pelo Ciclope, o gigante de um olho só. O gigante, antes de consolidar suas intenções quer saber o nome do chefe, prometendo por isso um prêmio. Ulisses finge concordar, mas se disfarça afirmando chamar-se Ninguém. O Ciclope então revela suas intenções e o prêmio prometido: comerá todos deixando Ulisses por último. Os gregos então oferecem vinho ao Ciclope, que o desconhecia, até embriagá-lo, e nesse estado rompem-lhe o único olho. Em desespero, o gigante roga a seus amigos: “Ninguém está me matando”, “Ninguém me traiu”. Porém seus amigos o

ignoram por julgá-lo louco. Assim, todos se salvam fugindo da gruta disfarçados sob os carneiros do Ciclope.

Na peripécia homérica aqui relatada, dois são os disfarces: esconder-se sob os carneiros do gigante e mentir sobre o próprio nome dizendo chamar-se Ninguém. Ambos foram úteis porque livraram Ulisses da morte. No entanto, o mentir dizendo chamar-se Ninguém tem superioridade e economia em relação ao outro porque é linguístico. Dizendo chamar-se Ninguém, Ulisses assume o lugar gramatical de sujeito de uma sentença negativa: “Ninguém me atraiçoou”. E, embora todo disfarce crie uma sentença negativa a respeito da própria identidade, na medida em que, passando por outro, afirma não ser quem sou, o utilizado por Ulisses – ocultar-se numa negativa pronunciada – é paradigmático porque fixa para sempre o sentido do disfarce e da paixão pelo disfarce. Herrmann conclui, então:

No santuário de uma sentença que o nega, o homem está protegido da morte e das demais infelicidades de sua condição, como o ator o está por trás da personagem: esta pode sofrer e morrer, o ator sobrevive-lhe intocado. Esse não primordial, que salva do infortúnio e da morte, ao menos imaginariamente, será repetido infinitamente por todos os homens, depois de Ulisses e de Homero; sua condição primeira, é preciso convir, reside na passagem da existência concreta à existência na linguagem, o que também nos leva a concluir que o disfarce de Ulisses é fascinante porque representa a própria linguagem, a ficção especialmente, com seu poder de criar eternidades, ilusões, seres mais duráveis e perfeitos que os da vida real. (Herrmann, 1999a, p. 150)

Herrmann ensina ainda que a paixão do disfarce revive a experiência inaugural de criação da identidade e que tem sua origem na mentira original, processo pelo qual se dá a criação do sujeito psíquico. Nas palavras do autor:

No processo de criação do sujeito psíquico representações sucessivas ganham corpo, sempre como produto de uma mentira original que supera dialeticamente a necessidade, negando-a parcialmente, mas a conservando dentro da nova formação, o desejo. Tais representações do sujeito e do mundo – diferentes versões do encontro boca-seio, de sensações térmicas ou dolorosas e dos cuidados correspondentes, de anseios infantis e amor materno, ou de falta prolongada, desesperadora – fixam-se como campos do psiquismo infantil, que se vão desenvolvendo sem uma síntese final. Vem do fato de cada representação trazer certa dose de prazer uma reconhecível tendência psíquica a representar-se como a melhor das formas de defesa. Restará na criança, bem como no indivíduo adulto, uma paixão tão forte como as maiores paixões amorosas ou destrutivas, a paixão do disfarce. (Herrmann, 2001, p. 145)

Herrmann confere ao disfarce grande “dignidade e importância” porque ele representa um novo passo na ruptura com o *cercos das coisas*, pois por meio dele rompem-se também os grilhões da identidade e do mundo habitual. Dessa maneira, o disfarce não tem apenas função defensiva, mas é “uma repetição, em nova versão, do gesto de autocriação pela mentira original. ... o disfarce é algo mais que simples proteção, é um retorno disfarçado à fonte de formação da identidade.” Por isso reconhece que, ao repetir o processo original de constituição do Eu, o ato de disfarçar-se se aproxima mais do verdadeiro eu do sujeito do que da identidade cotidiana que ele porta. E, concluindo: “Dessa forma, o homem que se disfarça está recuperando uma faculdade essencialíssima e aparentemente perdida para sempre: o ato primogênito de sua vida como ser intencional” (Herrmann, 1999a, pp. 161-162).

Um conceito de cura psicanalítica segundo a Teoria dos Campos parece útil nessa discussão. Perguntando-se sobre a cura em psicanálise Herrmann (1991) ressalta que a cura não é o estado final do tratamento, mas o seu curso mesmo. Para o autor, “curado, o homem cura do desejo”, e resume em uma frase seu pensamento: “curar do desejo é cuidar dele, que sempre inspira cuidados” (Herrmann, 1991, p. 300). Nesta perspectiva, curar do desejo em nada se aproxima de um ato de posse ou de controle mas da possibilidade de uma nova posição diante do desejo. Mais afeito a sazonar que erradicar ou corrigir, curar indica a postura precisa do homem que cuida do desejo, “pois reflete a dubiedade do sujeito desta ação: não é o sujeito radical da consciência, mas sua crise – dilacerado que está entre sujeitar o desejo e a ele sujeitar-se” (Herrmann, 1991, p. 301).

O movimento em direção à cura – o processo analítico – restaura a unidade histórica do paciente, e explica Herrmann (1991) “não tanto por modificar sua opinião a respeito do passado, mas por trazer de volta ao curso histórico presente a força de construção perdida.” (p. 305). Porque vivida no campo transferencial e em presença do analista, a repetição sintomática perde seu caráter de isolamento, fazendo possível o surgimento do sentido do sintoma e colocando à mostra seu campo que poderá ser rompido.

E a ruptura de campo promove dois efeitos: por um lado torna possível ao sujeito prescindir de seu sintoma, e por outro a experimentar o confronto entre sucessivas formas de ser pouco conhecidas e realidades que temia testar. Em outras palavras, a passagem da existência concreta à existência na linguagem permite ao homem se situar nas infinidáveis vidas possíveis. E, continuando, propõe Herrmann:

Vários possíveis são ensaiados, alguns dos quais podem mostrar-se eficazes e pertinentes, enriquecendo a vida comum. É o trânsito pelos possíveis que provoca mudanças. O trânsito entre novas versões do passado altera seu próprio futuro, situando o sujeito num tempo condicional (futuro do pretérito), que é característico do Homem Psicanalítico. (Herrmann, 1991, p. 305)

III

A Teoria do Efeito Estético de Wolfgang Iser ganhou projeção internacional como parte da Escola de Constança, cujos principais representantes são Iser e Hans-Robert Jauss. Fortemente influenciada pela fenomenologia de Husserl, pela estética de Ingarden e pela hermenêutica de Gadamer essa corrente teórica visava uma mudança radical na conceituação e na orientação dos estudos literários, da teoria e da crítica e, de forma mais ampla, da prática da interpretação e da leitura (Schwab, 1999). Segundo o próprio Iser, sua Teoria do Efeito Estético é complementar a uma estética da recepção, e ambas as vertentes conjugadas correspondem à realização plena do *reader-response criticism*.

Essa nova teoria surge como reação a circunstâncias históricas e como crítica às abordagens clássicas ao estudo literário na medida em que estas se mostravam insuficientes para a compreensão da literatura moderna, e nela a busca da intenção autoral foi substituída pelo exame do impacto que um texto literário era capaz de exercer num receptor potencial. E por não mais se centrar na identificação da mensagem da obra, dirige seu interesse pelo que, desde então se denominou processamento do texto. O foco do estudo passa a considerar o que acontece ao texto no ato de leitura, bem como a relação entre autor, texto e leitor.

Dessa mudança de paradigma, representada pelo *reader-response criticism*, Iser prefere analisar um problema inerente à Teoria do Efeito Estético, ou seja: a assimetria fundamental entre texto e leitor e suas decorrências, o que o leva, ao longo de sua obra, a propor uma antropologia literária. Segundo o autor, “o que a linguagem diz é transcendido por aquilo que ela revela, e aquilo que é revelado representa o seu verdadeiro sentido” (Iser, 1980, p. 142).

Ao admitir que o texto precisa ser processado, o intervalo entre o texto e o leitor adquire importância crucial. E, como nenhuma história pode ser inteiramente contada, o próprio texto apresenta lacunas e hiatos que precisam ser negociados no ato de leitura. Tal negociação atenua a assimetria e estreita o espaço entre eles na medida em que, por meio dessa atividade, o texto é transferido para o leitor. Como a estrutura do texto consiste em segmentos determinados, interligados por conexões indeterminadas, então o padrão textual se revela como um jogo, uma interação entre o que está expresso e o que não está. O não expresso impulsiona a atividade de constituição de sentido, porém, sob o controle do expresso, que também se desenvolve quando o leitor produz o sentido indicado. Assim, o significado do texto resulta de uma retomada ou apropriação da experiência que o texto desencadeou e que o leitor assimila e controla segundo suas disposições. Assim, a proposta de leitura formulada por Iser é um trabalho de interpretação realizado pelo leitor, ou mesmo de construção de sentido, embora prefigurado pela estrutura do texto literário.

Concebida dessa maneira, a relação do leitor com o texto é complexa e “indeterminada” num jogo de preenchimento de lacunas e negações: “As lacunas e negações conferem ao texto ficcional uma densidade característica,

por meio de omissões e cancelamentos revelando traços não explicitados. Ao texto formulado e verbalizado corresponde uma dimensão não formulada, não escrita” (Iser, 1999d, p. 31). A essa “duplicação” do texto Iser chama de negatividade, reconhecendo que ela constitui impulso fundamental na comunicação literária.

Iser (1999) ainda reconhece que a negatividade coloca em jogo um processo de determinação que apenas o leitor é capaz de suprir, o que confere um matiz subjetivo ao sentido do texto. Porém ela também confere produtividade ao sentido, uma vez que cada escolha feita necessita firmar-se em contraposição a infinidades de outras que foram excluídas. E continuando propõe:

Tais possibilidades surgem tanto do texto quanto das disposições peculiares ao leitor: o texto permite diferentes opções, as tendências próprias do leitor, diferentes *insights*. E como não há um sentido específico do texto, essa aparente deficiência é, na verdade, a matriz produtiva que torna o texto significativo, que lhe permite fazer sentido em diversos contextos históricos. (Iser, 1999d, p. 33)

Para investigar o que a literatura pode dizer acerca de nós mesmos, para compreender a autointerpretação humana que se faz por meio da literatura, Iser reconhece como necessário esboçar uma nova heurística que pudesse ser sustentada por disposições humanas que, ao mesmo tempo, fossem constitutivas da literatura. Reconhece tanto na ficção quanto no imaginário esse fundamento, uma vez que os dois fenômenos existem como experiência humana – seja porque superamos o que somos através de mentiras e dissimulações, seja porque vivemos nossas fantasias durante os devaneios diurnos, nos sonhos e nas alucinações –, e são constitutivos da literatura. Mas o autor vai propor ainda que o que caracteriza e faz emergir a literatura é a articulação organizada do fictício e do imaginário em um jogo complexo de possibilidades.

Com essas ideias como fundamento Iser (1999) desenvolve uma antropologia literária em que o ato de leitura se faz como encenação. Para o autor a encenação é mais um modo antropológico que uma categoria cognitiva, e é “uma modalidade que ganha sua plena função quando o conhecimento e a experiência, enquanto modos de produção de mundos, chegam a seus limites. Pois a encenação se refere a estados de coisas que nunca podem adquirir presença plena” (Iser, 1996, p. 358). Assim, na literatura, conforme concebe o autor, “a encenação torna concebível a extraordinária plasticidade dos seres humanos...” (Iser, 1996, p. 357). E nesse espaço de encenação que é a literatura, o ato de duplicar a si mesmo por meio da ficção cria um espaço performativo no qual os seres humanos podem encenar a diferença entre “ser quem são” e “ter a si mesmos”.

Prosseguindo, propõe ainda Iser: “A encenação é o esforço incansável para o confronto do ser humano consigo mesmo. A encenação permite, mediante simulacros, dar forma ao transitório do possível, e controlar a revelação

contínua do ser humano em suas possíveis alteridades” (Iser, 1996, p. 363).

IV

Retomemos agora às questões do início – Qual a potência da literatura? Por que os seres humanos precisam de ficção? – e à intenção deste trabalho de esboçar uma resposta que possa avançar essa reflexão por meio de um diálogo entre a Teoria dos Campos de Fabio Herrmann e a Teoria do Efeito Estético de Iser.

Justifica-se essa intenção o fato de ambas as teorias se preocuparem com a potência da literatura e com a necessidade humana de ficção, embora cada uma desenvolva sua investigação em campos distintos: uma no da Psicanálise e a outra no da Crítica Literária. Assim, sem ignorar as dificuldades desse empreendimento impostas pela complexidade dos dois pensamentos, e pelo exíguo espaço do escopo deste trabalho, desenvolve-se aqui algo nessa direção propondo um diálogo entre os dois.

Para começar, chama-se atenção para a coincidência do surgimento de ambos os pensamentos por volta das décadas de 1960 e 1970, para a posição eminentemente crítica dos dois e para a recusa em reificar conceitos. Tais questões merecem ser melhor exploradas, como também as raízes de ambos os pensamentos que, acredita-se, beberam da mesma fonte.

Se se aceitar que a literatura é o análogo da Psicanálise, como ensina Herrmann, uma teoria sobre a literatura nos será indispensável; não qualquer teoria, mas uma que possua abertura, um campo comum para um diálogo, justamente o que propõe-se encontrar na teoria de Iser. E, embora não seja o caso de desenvolver aqui essa questão, reconhece-se em ambas um embasamento fenomenológico, a utilização de conceitos operacionais e de negatividade, evitando com isso a reificação de seus conceitos.

Assim, o primeiro ponto a ser desenvolvido é que o espaço atribuído ao leitor na Teoria do Efeito Estético de Iser – esse ser que necessita da encenação que a literatura oferece – talvez possa ser ocupado pelo homem da paixão pelo disfarce da Teoria dos Campos. Admitindo com Iser que os seres humanos só conseguem sair de si mesmos mediante perpétuo auto desdobramento, suas possibilidades não podem ter uma forma previamente dada, pois isso significaria imposição de padrões preexistentes a tal desdobramento. Mas como estas possibilidades não são dadas previamente elas deverão ser adquiridas por meio de encenação que ultrapassa tais realidades (Iser, 1996, p. 77).

Também o homem da paixão pelo disfarce só se encontra na multiplicidade dos disfarces de que se veste. Para Herrmann (1999a), lembremos, o disfarce é muito mais que simples medida defensiva, ele é um retorno, uma encenação, talvez, em nova versão à fonte de formação da identidade. O disfarce, ao repetir a mentira original, nega algo que conserva transformado.

Outro ponto que reforça a hipótese trabalhada consiste em aproximar o conceito de negatividade – que para

Iser fundamenta o trabalho do leitor ao preencher lacunas e jogar com as negações do texto – ao de inconsciente. Não de um inconsciente substancializado ou fechado em determinação, coisa que o próprio autor se nega a fazer, mas do conceito de campo, ou inconscientes relativos, como propõe a Teoria dos Campos: inconsciente que há, mas não existe, e que produz. Nesse caso, fica implícito também um campo, ou inconscientes relativos, próprio do texto.

E outro ponto a se considerar é tentar uma aproximação entre o conceito de encenação que a ficção permite e o de transferência, ou campo transferencial, como espaço em que se dá o jogo analítico. No campo transferencial, lugar em que se vive o jogo analítico, também somos muitos e vivemos realidades diferentes. Nele “estamos à procura de uma realidade histórica. ... e encontramos essa realidade na transferência, sem ter que acreditar que tudo o que lhe ocorre na vida refere-se ao analista, e nem puxar à força seu mundo para a sessão” (Herrmann, 1991, p. 297). Continuando a argumentação, Herrmann (1991) destaca que esse mundo já está aí em sua totalidade, sendo propósito da interpretação colocá-lo em cena, “desvelando no discurso do paciente a descrição metafórica de sua condição presente, síntese comemorada da história da neurose e do quotidiano” (Herrmann, 1991, p. 297).

Herrmann (1991) afirma assim ser o campo transferencial uma experiência de História. Destaca a importância de distinguir lembrar de recordar. Se lembrar não tem valor curativo, recordar pode ter. E recordar não depende inteiramente de lembrar-se. Recordar significa “retornar ao coração, no sentido do Campo Psicanalítico, dirigir-se aos nós emocionalmente relevantes da própria história” (Herrmann, 1991, p. 298). E, nesse jogo transferencial, o analisando recorda, trazendo ao coração cenas relevantes da própria história para, em seguida, experimentar várias opções combinatórias de seus significados. Nessas combinações entra repetidamente em crise a celebração do trauma, realizam-se experiências de histórias alternativas que o acercam de uma história total. Essa é a diferença essencial entre celebração sintomática e comemoração psicanalítica (Herrmann, 1991, p. 298). E, nesse jogo transferencial, o analisado recorda, trazendo ao coração cenas relevantes da própria história:

para em seguida experimentar várias opções combinatórias de seus significados. Nessas combinações, entra repetidamente em crise a celebração do trauma, realizam-se experiências de histórias alternativas que o acercam de uma história total. Essa a diferença essencial entre celebração sintomática e comemoração psicanalítica. (Herrmann, 1991, p. 298)

Tal qual o ato de leitura, que duplica o sujeito por meio da ficção criando um espaço performativo no qual os seres humanos podem encenar a diferença entre “ser quem são” e “ter a si mesmos”, a psicanálise, por meio jogo transferencial, duplica o homem, que pela linguagem pode dizer-se.

Embora esses três pontos, apenas esboçados nesse exíguo trabalho inicial, mereçam aprofundamento maior, e instiguem a continuar a reflexão, a consideração deles

parece confirmar a dimensão de cura própria à literatura. Ao nos duplicarmos por meio da ficção estamos nos desfazendo a nós mesmos para escapar da prisão em que nos confinam as determinações históricas, culturais ou psicológicas. Cura o homem de sua insuficiência de ser mortal e desejante ao mesmo tempo.

V

Por último, vislumbra-se um dos últimos encontros [da primeira autora desse artigo] com Fabio Herrmann, já muito doente e próximo do fim. Nesse dia ela ouviu dele, em resposta à sua pergunta “Como vai?”, o seguinte: “Cada dia é um dia. À noite, as estrelas!”. Talvez com essas palavras o Homem Fabio expressasse sua angústia na iminência da morte. Mas o Pensador da Teoria dos Campos, coerente e lúcido crítico da psicanálise, também colocava em movimento aquilo que se encontra no âmago de sua teoria: o método interpretativo, a ruptura de campo. E com certeza o Poeta comungava com o que nos ensina Octavio Paz:

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de mudar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de liberação interna. A poesia revela este mundo, cria outro. . . . convite à viagem; regresso à terra natal. . . . súplica ao vazio, diálogo com a ausência. . . . (Octavio Paz, 1996, p. 13)

Com sua resposta “Cada dia é um dia. À noite, as estrelas!”, Fabio abriu outras possibilidades de sentido à ingênuo pergunta “Como vai?”. E ao mesmo tempo acrescentava à lista de Octavio Paz outro sentido: a poesia, a ficção literária pode ser também ruptura de campo, e essa é sua potência de cura.

Nesse clima, em resposta às suas próprias críticas sobre a omissão de criatividade que atinge o campo da psicanálise, Herrmann (2006) sugere a invenção de uma epistemologia à medida desse campo. Quando é retomada aqui sua ideia sobre a literatura como análoga à psicanálise, sugerindo a aproximação com a Teoria do Efeito Estético de Iser, propõe-se um passo inicial para as discussões em torno da invenção de tal epistemologia em futuras pesquisas. O caráter fundamental da ficção no campo analítico perpassa suas principais linhas de força, o que traz à tona a necessidade de uma teoria sobre a literatura que fundamente um análogo para a psicanálise, assim como a matemática é para a física. Portanto, a literatura surge como uma solução para a problemática epistemológica sobre qual ciência para a psicanálise permite encontrar um lugar de criação ficcional. Antes que se ergam as vozes dos epistemólogos: “ficcional não significa falso, nem mesmo cientificamente menor, mas inserido num tipo de verdade peculiar à literatura, que é em geral mais apropriada para a compreensão do homem que a própria ciência regular” (Herrmann, 2006, p. 63).

Ao mesmo tempo, tal aproximação permite um vislumbre sobre a potência da literatura e seu caráter reparador.

Elaboramos tudo que herdamos das gerações anteriores, pois nossa condição humana depende dos legados e de nossa capacidade de continuar produzindo. Quando o leitor produz um novo sentido frente ao texto literário, escancarando o caráter provisório do conhecimento, produz-se algo similar à cura, uma ruptura de campo. Desse modo, a literatura como produção humana possibilita um posicionamento do

sujeito frente àquilo que ele essencialmente desconhece, desvelando um saber intrínseco que não se sabe nem como ou por que determina nossos atos e pensamentos.

Por fim, deslumbra-se futuras pesquisas a partir da ideia de Herrmann sobre a literatura como análogo da psicanálise, propondo a Teoria do Efeito Estético como possibilidade teórica para a fundamentação dessa ideia.

Psychoanalysis, fiction, and cure: between Fields Theory and Theory of Aesthetic Response

Abstract: This study intends to propose a reflection on the power of literature and the human need for fiction based on a first dialogue between Fabio Herrmann's Fields Theory and Wolfgang Iser's Theory of Aesthetic Response. We seek to outline some links between the status assigned to fiction in Herrmann's work and the discussion in Iser's work about fiction and imagination, which leads to a literary anthropology. This is an initial study that points to future research from Herrmann's idea of literature as an analogue of psychoanalysis. We propose, therefore, that the Theory of Aesthetic Response is a theoretical possibility for grounding that idea.

Keywords: psychoanalysis, literature, Fields Theory, Herrmann, Iser.

Psychanalyse, fiction et guérison : entre la Théorie des Champs et la Théorie de l'Effet Esthétique

Résumé: Le but de cet article est de proposer une réflexion sur le pouvoir de la littérature, le besoin humain de fiction à partir d'un premier dialogue entre la Théorie des Champs développée par Fabio Herrmann et la Théorie de l'Effet Esthétique développée par Wolfgang Iser. Nous voulions tirer des liens entre le statut donné à la fiction dans l'œuvre de Herrmann et la discussion sur les travaux de Iser à propos de la fiction et l'imagination qui se jette dans une anthropologie littéraire. Cet article, qui pointe au début de la recherche future de l'idée de Herrmann sur la littérature comme un analogue de la psychanalyse, il est proposé, par conséquent, la Théorie de l'Effet Esthétique qu'une possibilité théorique qui sous-tend cette idée.

Mots-clés: psychanalyse, littérature, Théorie des Champs, Herrmann, Iser.

El psicoanálisis, la ficción y la cura: entre la Teoría de los Campos y Teoría del Efecto Estético

Resumen: La intención de este trabajo es proponer una reflexión sobre el poder de la literatura, la necesidad humana de ficción desde un primer diálogo entre la Teoría de los Campos, de Fabio Herrmann, y Teoría del Efecto Estético, de Wolfgang Iser. Se pretende establecer algunas conexiones entre el estado dado a la ficción en la obra de Herrmann y el debate sobre la ficción y la imaginación en el trabajo de Iser que desemboca en una antropología literaria. Es un trabajo inicial que apunta a estudios futuros de la idea de Herrmann en la literatura como un análogo del psicoanálisis, por ello, propone la Teoría del Efecto Estético como una posibilidad teórica para el razonamiento de esta idea.

Palabras clave: psicoanálisis, literatura, Teoría de los Campos, Herrmann, Iser.

Referências

- Herrmann, F. (1991). *O método da psicanálise*. São Paulo, SP: Brasiliense.
- Herrmann, F. (1999a). A paixão do disfarce. In F. Herrmann, *A psique e o eu* (pp. 145-220). São Paulo, SP: Hepscyphé.
- Herrmann, F. (1999b). Introdução. Psicanálise, ciência e ficção. In F. Herrmann, *A psique e o eu* (pp. 7-42). São Paulo, SP: Hepscyphé.
- Herrmann, F. (2001). *Introdução à Teoria dos Campos*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Herrmann, F. (2002). A ficção freudiana. In F. Herrmann, *A infância de Adão e outras ficções freudianas* (pp. 9-20). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Herrmann, F. (2006, junho). Psicanálise, ciência e ficção. *Jornal de Psicanálise*, 39(70): 55-79.
- Iser, W. (1980). *The act of reading: a theory of aesthetic response*. Baltimore/London: The Hopkins University Press.
- Iser, W. (1996). *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ.

- Iser, W. (1999a). O fictício e o imaginário. In J. C. C. Rocha (Org.), *Teoria da Ficção: indagações à obra de Wolfgang Iser* (pp. 65-77). Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ.
- Iser, W. (1999b). O jogo. In J. C. C. Rocha (Org.), *Teoria da ficção: indagações à obra de Wolfgang Iser* (pp. 107-115). Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ.
- Iser, W. (1999c). O que é antropologia literária? In J. C. C. Rocha (Org.), *Teoria da ficção: indagações à obra de Wolfgang Iser* (pp. 147-178). Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ. pp. 147-178.
- Iser, W. (1999d). Teoria da recepção: reação a uma circunstância histórica. In J. C. C. Rocha (Org.), *Teoria da ficção: indagações à obra de Wolfgang Iser* (pp. 19-33). Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ.
- Paz, O. (1996). *El arco y la lira*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Petit, M. (2006). A leitura em espaços de crise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 40(3), pp. 149-167.
- Schwab, G. (1999). “Se ao menos eu não Tivesse de Manifestar-me”: a estética da negatividade de Wolfgang Iser. In J. C. C. Rocha (Org.), *Teoria da ficção: indagações à obra de Wolfgang Iser* (pp. 35-45). Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ.
- Semprún, J. (2002). *La escritura o la vida*. Barcelona: Tusquets Editores.

Recebido: 20/11/2015

Revisado: 11/02/2016

Aprovado: 24/02/2016